

Editorial

QUESTÃO
ESTRATÉGICA

Apesar de o acesso ao ensino superior ter sido facilitado enormemente nos últimos anos, o número de diplomados caiu no ano passado em relação ao ano anterior, informa um censo apresentado pelo MEC em setembro. A baixa maior foi nas áreas de saúde e educação.

Na educação, a queda foi de 10%. O país formou 201 mil professores, contra 223 mil em 2012. O fato compromete as necessidades do Brasil, que precisa desses profissionais, em número crescente, para que possa atender as exigências do seu desenvolvimento.

O país formou, no ano passado, 991 mil profissionais em cursos de graduação. Em 2012, entregou 1,05 milhão de diplomas. Foi a primeira vez em que isso ocorreu desde 2002, apesar de dispormos de vários instrumentos de incentivo à educação de terceiro grau.

O SisU, o ProUni e o Fies vieram facilitar o acesso dos estudantes ao ensino superior. No entanto, muitos alunos não dão prosseguimento aos estudos porque têm dificuldade de acompanhar os currículos, em consequência das deficiências do seu ensino médio.

Explicam também a evasão, os baixos salários e as estruturas e gestões públicas ruins, sobretudo no interior. O problema afeta também a área da saúde. Em 2013, enfermagem, odontologia e farmácia entregaram 13% menos diplomas do que em 2012.

O governo alega que isso ocorre porque o MEC está mais rigoroso na fiscalização, impedindo a distribuição indiscriminada de diplomas. O rigor é maior nos cursos de formação de docentes, que eram feitos, em 2013, por 260 mil professores de educação básica.

Quantidade se opõe, frequentemente, a qualidade. Nesse caso, no entanto, o Brasil precisa de ambas. Se não formar professores suficientes e habilitados para os ensinoss fundamental e médio, a educação no país continuará a patinar. O mesmo vale para a saúde.

É preciso criar estímulos para essas carreiras, tão estratégicas para o país como as engenharias.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR

Vittorio Mediolì

PRESIDENTE

Laura Mediolì

VICE-PRESIDENTE

Luiz Alberto de Castro Tito

DIRETOR EXECUTIVO

Heron Guimarães

DIRETOR FINANCEIRO

Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL

Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA

Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL

Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING

Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO

Isabel Santos

EDITORIA EXECUTIVA

Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO

Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM

Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

As eleições presidenciais sob a batuta do conservadorismo

É impossível um diálogo civilizado com tuiteiros adversários

Twitter está irrespirável. Não consigo ler tudo o que recebo, separar o que retuitar nem responder à avalanche de impropérios não republicanos.

O volume de pessoas que não me seguem e a quem não sigo que manda tuítes é assustador. De uns 30 a 50 novos perfis por dia! Não tenho de ensinar bons modos nem teorias políticas a quem não aprendeu nas escolas da elite nem a robôs. Bloqueio todos. Não quero dadas nem tomadas com gente sem limites, porque em política tenho lado; e, incrível, raramente pedem voto, só esculacham!

Não é possível um diálogo minimamente civilizado com tuiteiros adversários de minha candidata, Dilma Rousseff. Limito-me a discutir no Twitter com pessoas que eu já seguia até 5 de outubro e com quem me segue, pois é um círculo com o qual estabeleci uma convivência respeitosa em nossas diferenças políticas. Uma ou outra perde as estribeiras, mas tem sido raro. Diminuí a minha presença no Twitter. Tenho preferido ficar mais “bispanando”, ou seja, observando quem tuíta sobre eleições.

É assustadora a percepção da agressividade, principalmente de pessoas evangélicas – eis algo digno de pesquisas: a transformação que o momento eleitoral numa república democrática e laica opera nas pessoas que se dizem tementes a Deus! Será um subproduto da teologia da prosperidade e seu individualismo exacerbado contra a prioridade nas políticas sociais dos últimos 12 anos do governo federal?

Numa análise inicial, tendo a elaborar a hipótese de que, em muitas cabe-

ças religiosas, o que está em jogo numa eleição à Presidência da República, aqui, no Brasil, é a construção do caminho da teocracia – em si, o sequestro da democracia e um insulto à inteligência! É muita indigência política! Mas tem significado: o espectro do fundamentalismo religioso ronda o Estado laico. O que é gravíssimo e exige reflexões aprofundadas, posto que tamanha intolerância evidencia que tais pessoas ainda não compreenderam que o lugar ideal para se professar uma fé é na democracia (regime político)!

Eis algo digno de pesquisas: a transformação que o momento eleitoral numa república democrática e laica opera nas pessoas

O fundamentalismo religioso, católico ou evangélico, não tem noção de espírito republicano nem sequer introjetou os rudimentos do que é república (do latim, “res publica”: “coisa pública”) ou a pauta para governá-la. Também não lhes parece óbvio que o debate eleitoral numa república (regime de governo) tem como eixo a defesa dos valores e dos princípios republicanos, temas que aprofundi em “Perdi a paciência: quero a República terrena de volta!” (O TEMPO, 12.10.2010).

E como se a zoeira tuiteira fosse pouca, relembro as palavras do diretor do Diap, Antônio Augusto Queiroz: “O levantamento do Diap mostra que o núme-

ro de deputados ligados a causas sociais caiu, drasticamente, embora os números totais ainda estejam sendo calculados”; que “o novo Congresso é, seguramente, o mais conservador do período pós-1964”, por conta do “aumento de militares, religiosos, ruralistas e outros segmentos mais identificados com o conservadorismo”; e que “parte consistente do conservadorismo virá da bancada evangélica, que vai ficar um pouquinho maior” (em relação a 2010, que era de 70), “mas com uma diferença: nomes de maior peso dentro das igrejas para melhor coordenar e articular os interesses desse segmento junto ao Congresso” (há 40 bispos e pastores).

É no contexto de brutal conservadorismo, inclusive da ideia do Estado mínimo, que se dá a escolha à Presidência da República. Temos de votar visando reduzir danos ao bem-estar social e às medidas protetivas à cidadania.

